**CONCEPÇÃO E UTILIZAÇÃO DA TECNOLOGIA ASSISTIVA POR PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE**

**CONCEPTIONS AND PRACTICES REGARDING THE ASSISTIVE TECHNOLOGY FOR HEALTH PROFESSIONALS**

**CONCEPCIÓN Y USO DE TECNOLOGÍA DE ASISTENCIA POR PROFESIONALES DE LA SALUD**

**Resumo**

A partir da problemática quanto à concepção de Tecnologia Assistiva e da necessidade do conhecimento dessa área por parte dos profissionais para sua correta implementação, o objetivo deste estudo foi identificar as concepções e práticas relativas à Tecnologia Assistiva dos profissionais da saúde que compunham a equipe técnica de um serviço-escola situado em uma Universidade pública do interior paulista. Participaram do estudo um terapeuta ocupacional, dois fisioterapeutas, um fonoaudiólogo e um psicólogo. Os dados foram coletados por meio de uma ficha de cadastro do participante e um roteiro de entrevista semiestruturado. Os resultados encontrados foram organizados em sete categorias de análise e indicaram que a maioria dos técnicos considera a Tecnologia Assistiva como sendo diretamente os recursos e equipamentos que auxiliam o paciente a realizar determinada tarefa ou atividade. Poucos afirmaram que utilizavam a Tecnologia Assistiva em sua prática clínica, remetendo-se à necessidade de formação mais específica para a área. Conclui-se que os resultados encontrados trouxeram informações importantes a respeito da necessidade de inserção da temática da Tecnologia Assistiva em serviços que intervenham diretamente com a população com deficiência, com o indicativo de que há demandas específicas de formação inicial e continuada aos profissionais técnicos presentes nessa instituição.

**Palavras-chave:** Tecnologia Assistiva, Pessoas com Deficiência, Reabilitação.

**Abstract**

From the problematic about of conceiving assistive technology and the need for knowledge of it by the professionals for its right implementation, the purpose of this study was to identify the conceptions and practices regarding the Assistive Technology for health professionals made up the crew of a School Service located in a public university in São Paulo. The participants of study were an occupational therapist, two physiotherapists and a psychologist. The data were collected through a registration form of participants and a semi-structured interview guide. The results were organized in seven different categories of analysis and indicated that most of the technical considered Assistive Technology to be directly the resources and equipment to help the patient to perform a certain task or activity. Few said they used assistive technology in their clinical practice, referring necessity of more specific training for the area. It is concluded that the found results provided important information about the need for issue of inclusion of Assistive technology services to intervene directly with the disabled population, with the indication that there are specific demands of initial and continuing training for professional technicians present at that institution.

**Keywords:** Assistive Technology, People with Disabilities, Rehabilitation.

**Resumen**

A partir de la problemática como el diseño de la tecnología de asistencia y la necesidad de conocimiento en esta área por profesionales para su correcta ejecución, el objetivo de este estudio fue identificar los conceptos y prácticas relacionadas con la tecnología de asistencia de profesionales de la salud que compone el equipo técnico un centro de formación situado en una universidad pública de Sao Paulo. Los participantes del estudio fueron 1 terapeuta ocupacional, 2 fisioterapeutas, terapeuta del habla 1 y 1 psicólogo. Los datos fueron recogidos por un formulario de registro de los participantes y una guía de entrevista semiestructurada. Los resultados fueron organizados en siete categorías de análisis e indicaron que la mayor parte de la técnica considera como la tecnología de asistencia directamente a los recursos y equipos para ayudar al paciente a realizar una tarea o actividad en particular. Algunos dicen que se utilicen dispositivos de ayuda en su práctica clínica, en referencia a la necesidad de una formación más específica en la zona. Se concluye que los resultados proporcionan información importante acerca de la necesidad de emitir la inclusión de servicios de tecnología de asistencia para intervenir directamente con la población con discapacidad, con la indicación de que hay demandas específicas de formación inicial y continua de los profesionales técnicos presentes en esta institución.

**Palabras clave**: Tecnología de Asistencia, Personas con discapacidad, Rehabilitación.

**1 INTRODUÇÃO**

O uso de recursos de Tecnologia Assistiva tem sido incentivado no atendimento à pessoa com algum tipo de deficiência ou limitação funcional, principalmente a partir da década de 2000 com o avanço nas políticas públicas em prol da garantia de direitos a essa população1.Quando utilizados de forma adequada, os recursos de Tecnologia Assistiva proporcionam maior autonomia, independência, participação social e qualidade de vida2.

Oficialmente no país, a adoção do conceito atual de Tecnologia Assistiva adveio de um avanço político na área com a proposição de diversas medidas em garantia do desenvolvimento nacional nesse campo3. Com um Comitê Brasileiro de Tecnologia Assistiva (antigo Comitê de Ajudas Técnicas - CAT) eleito, houve a proposição de que Tecnologia Assistiva então fosse conceituada como:

área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetiva promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (p.3)4.

A imprecisão do termo Tecnologia Assistiva considerado recente no país4 parece impactar o reconhecimento pelos profissionais sobre essa área, uma vez que Ajudas Técnicas, Tecnologia de Apoio, Tecnologia da Assistência e Tecnologia da Reabilitação ainda são presentes e, muitas vezes, tidos como sinônimos no que concerne o universo de materiais e equipamentos destinados à pessoa com deficiência1, 4-6.

Nesse contexto é importante se distinguir a Tecnologia Assistiva de outros tipos de tecnologia que também podem trazer benefícios às pessoas com deficiência, mas não se constituem como tal5. Dessa forma, propõe-se diferenciar uma da outra através de sua finalidade e em relação ao usuário. Para Bersch (2014)5 enquanto a Tecnologia Assistiva consiste num recurso destinado ao usuário e é utilizada como forma de promover a funcionalidade, as outras tecnologias, como a tecnologia médica e de reabilitação, são destinadas ao profissional da área da saúde, como forma de auxiliar no diagnóstico e/ou na intervenção terapêutica. Essa diferenciação é de fato importante, uma vez que, influencia diretamente na organização de serviços, na determinação de focos de estudo e no financiamento de pesquisas relacionadas à área.

A definição proposta pelo CAT reconhece a Tecnologia Assistiva enquanto uma área de conhecimento ampla, envolvendo inclusive os serviços e metodologias próprias do processo de implementação de recursos, o qual também tem sido apontado como uma lacuna na formação dos profissionais da reabilitação7.

Apesar do avanço, principalmente em países como Estados Unidos, na proposição de modelos teóricos específicos que podem auxiliar e orientar a seleção e implementação dos recursos de Tecnologia Assistiva (como por exemplos o Matching Person and Technology Model - MPT7 e o Human Activity Assistive Technology Model - HAAT8), no Brasil parece haver evidências ainda de que estes modelos são pouco incorporados à prática clínica, inclusive por profissionais que trabalham diretamente nessa área9.

No Brasil, autores têm se debruçado na última década a produzir conhecimentos teóricos e práticos sobre essa temática de forma a subsidiar o avanço ao acesso a esses recursos pela população alvo, refletindo sobre os caminhos mais assertivos de prescrição e demais questões envolvidas nesse processo de atendimento dos indivíduos ao longo de seu curso de vida10, 11.

A apropriação desse conhecimento pela equipe que intervém diretamente com o público-alvo[[1]](#footnote-1) da Tecnologia Assistiva tem sido apontada como elemento fulcral para a efetivação do acesso a esses recursos. Tem-se constatado que ainda há lacunas no processo de formação dos profissionais da saúde, com destaque para os da reabilitação (como terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, entre outros) sobre o processo de implementação desse tipo de tecnologia, e consequentemente, sua real indicação enquanto prática cotidiana12-14.

Estudos evidenciam as dificuldades presentes em serviços públicos, ligados ao Sistema Único de Saúde (SUS), quanto à dispensação de recursos de Tecnologia Assistiva para a população.Para Laranjeira (2005)3 e Carol et al (2014)15, a fragilidade da equipe técnica é um fator que limita a execução do serviço. O desconhecimento técnico relativo à Tecnologia Assistiva por parte dos profissionais de reabilitação em conjunto com a falta de treinamento específico para sua implementação, consiste num dos principais entraves para a sua prescrição, caracterizando assim como uma barreira para o uso dos recursos de Tecnologia Assistiva no país14.

Com base nessa problematização levantada e tendo em vista a importância dos profissionais que atuam diretamente com a população com deficiência para que a Tecnologia Assistiva atinja seu propósito, o objetivo desse estudo foi identificar o conhecimento de profissionais da reabilitação atuantes em um serviço-escola quanto à área e os recursos de Tecnologia Assistiva, bem como se a busca ou indicação desses recursos estão presentes em suas práticas clínicas cotidianas.

**2 MÉTODO**

**Local**

A pesquisa ocorreu em um Serviço Escola vinculado a uma universidade do interior do Estado de São Paulo, que se configura como um ambulatório de média complexidade no atendimento a municípios pertencentes a um Departamento Regional de Saúde. Para tanto, os atendimentos são realizados por profissionais de saúde contratados pelo Serviço-Escola, e por docentes e estagiários dos cursos de graduação da Universidade nas áreas de fisioterapia, terapia ocupacional, medicina, psicologia, enfermagem, educação física e gerontologia. Dentro da diversidade de demandas em saúde apresentadas para o serviço, há um espaço referente à atenção a crianças e adultos com deficiência e/ou com mobilidade reduzida que requisitam intervenções envolvendo recursos de Tecnologia Assistiva.

**Participantes**

Os participantes do estudo consistiram nos profissionais da área de terapia ocupacional, fisioterapia, fonoaudiologia e psicologia que compunham a equipe técnica do serviço. Foram convidados a participarem os dez técnicos da equipe que estavam vinculados ao serviço por meio de um e-mail explicativo sobre a pesquisa. Destes, apenas cinco aceitaram participar, identificados respectivamente de T1 a T5, constituindo-se uma amostra de 50% do universo. Dos cinco técnicos entrevistados dois tinham realizado aprimoramento, três aperfeiçoamento, quatro especialização e três já haviam concluído o mestrado. Os dados de caracterização dos participantes foram obtidos pela aplicação de um instrumento específico para esse fim (Quadro 1).

Quadro 1.Caracterização dos participantes técnicos

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
|  | **Cargo** | **Tempo de formação** | **Tempo de trabalho na instituição** |
| **T1** | Psicólogo | 23 | 8 |
| **T2** | Fonoaudiólogo | 15 | 9 |
| **T3** | Terapeuta Ocupacional | 10 | 9 |
| **T4** | Fisioterapeuta | 14 | 10 |
| **T5** | Fisioterapeuta | 15 | 9 |

Os participantes atuavam vinculados a ações nas áreas de saúde mental, distúrbios cardiorrespiratórios e doenças metabólicas, geriatria e gerontologia, e neurologia, e em sua maioria com pacientes adultos.

**Instrumentos da coleta de dados**

Foram utilizados uma ficha de cadastro do participante e um roteiro de entrevista semiestruturado. A ficha continha questões sobre dados de identificação pessoal, contatos e dados profissionais (tempo de profissão e de formação, curso realizado e instituição, realização de cursos complementares, cargo atualmente exercido, período de trabalho, linha de cuidado atuante, população atendida e tempo de vínculo). O roteiro de entrevista era composto inicialmente por sete questões a respeito do conceito e uso da Tecnologia Assistiva, presença e incentivo ao uso desses recursos, conhecimento de referenciais teóricos da área de Tecnologia Assistiva, ambos desenvolvidos pelos autores para este estudo.

Foi realizado um estudo piloto para treinamento da pesquisadora e aperfeiçoamento dos instrumentos de coleta de dados. Após a aplicação do estudo piloto verificou-se a necessidade de acrescentar um item ao roteiro de entrevista sobre a opinião do participante sobre o que poderia ser promovido na instituição para favorecer o uso dos recursos e o esclarecimento de uma questão da ficha de caracterização do participante.

**Aspectos éticos**

O projeto foi submetido e aprovado pelo comitê de ética em pesquisa da instituição responsável, de acordo com o parecer nº [subtraído para não identificação dos autores, será informado após processo de revisão] e respeitou as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos, sendo iniciado apenas após sua aprovação16. O projeto também foi submetido ao Conselho de Pesquisa do Serviço-Escola em questão para análise e autorização do estudo. Todos os sujeitos consentiram com a participação no estudo.

**Procedimentos para a coleta de dados**

Os instrumentos foram aplicados de forma individual, em um único dia, conforme a disponibilidade e escolha de cada participante. Todas as entrevistas foram feitas no local do estudo, sendo gravadas em áudio para posterior análise.

**Procedimentos para análise dos dados**

As entrevistas gravadas foram transcritas e submetidas ao processo de análise de conteúdo17. Primeiramente foram realizadas as transcrições na íntegra das entrevistas realizadas. Uma amostra de 25% das transcrições foi submetida a um juiz externo para a garantia da fidedignidade do processo de transcrição, obtendo-se uma concordância superior a 75%.

Posteriormente, deu-se início à leitura extensiva dos relatos transcritos e estes foram segmentados nas temáticas presentes nos roteiros e analisados, originando oito categoriais iniciais de análise. Ao final, foram definidas sete categorias e 19 subcategorias de análise (Quadro 2).

Quadro 2.Sistema de Categorias para Análise dos Dados

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| **Categorias de análise** | **Definição** | **Subcategorias** |
| Categoria 1 – Definição de Tecnologia Assistiva | Esta categoria foi definida de acordo com as respostas dos participantes da pesquisa a partir de sua compreensão do conceito de Tecnologia Assistiva.  | 1.1 São os recursos/dispositivos/equipamentos |
| 1.2. Não soube definir o quê |
| Categoria 2 – Recursos de Tecnologia Assistiva | Nesta estão inseridos os exemplos de Tecnologia Assistiva dados pelos participantes.  | 2.1 Órteses |
| 2.2 Recursos para mobilidade |
| 2.3 Adaptações |
| 2.4 Comunicação alternativa |
| 2.5 Outros |
| 2.6 Não soube responder |
| Categoria 3 – Uso da Tecnologia Assistiva | Nesta categoria, estão descritas as relações dos profissionais e entrevistados quanto à utilização da Tecnologia Assistiva em suas práticas atuais. | 3.1 Utilizam Tecnologia Assistiva na sua prática |
| 3.2 Não utilizam Tecnologia Assistiva na prática atual, mas já utilizaram antes |
| 3.3 Não sabe dizer se utiliza |
| Categoria 4 – População com quem utiliza Tecnologia Assistiva | Nesta categoria, estão inseridas as respostas dos participantes referentes à população com quem utilizam Tecnologia Assistiva.  | 4.1 Deficientes físicos |
| 4.2 Outros |
| Categoria 5 – Referencial teórico | Nessa categoria são descritos os achados referentes à fundamentação teórica dos participantes com relação à Tecnologia Assistiva. | 5.1 Conhece, mas não utiliza referenciais teóricos |
| 5.2 Não conhece nenhum referencial teórico |
| Categoria 6 – O serviço e a Tecnologia Assistiva | Nesta categoria estão descritas as principais respostas correlacionando o serviço de saúde de que os participantes fazem parte e a presença ou ausência de Tecnologia Assistiva nesse espaço.  | 6.1 No serviço existe Tecnologia Assistiva |
| 6.2 Não sabe dizer se existe ou não |
| Categoria 7 – Incentivos/recomendações da instituição a respeito de Tecnologia Assistiva | Esta categoria se refere à presença de incentivos e/ou recomendações da instituição/serviço a respeito de Tecnologia Assistiva.  | 7.1 Não existem incentivos e/ou recomendações |
| 7.2 Não soube responder |

**3 RESULTADOS**

A partir da metodologia proposta de análise de dados os resultados serão apresentados conforme as sete categorias e suas respectivas subcategorias. Na Tabela 1, estão apresentados os participantes cujas respostas compuseram cada uma das subcategorias definidas, e o percentual representativo de cada uma delas.

Tabela 1. Respostas do grupo conforme categoria e subcategoria

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **CATEGORIAS** | **SUBCATEGORIAS** | **PARTICIPANTES** | **N** | **% da amostra** |
| Definição de Tecnologia Assistiva | São os recursos/dispositivos/equipamentos | T1, T3, T4 | 3 | 60% |
| Não soube definir o que | T2, T5 | 2 | 40% |
| Recursos de Tecnologia Assistiva | Órteses | T1, T3, T4 | 3 | 60% |
| Recursos para mobilidade | T1, T2 | 2 | 40% |
| Adaptações | T4 | 1 | 20% |
| Comunicação alternativa | T2, T3 | 2 | 40% |
| Outros | T1 | 1 | 20% |
| Não soube responder | T5 | 1 | 20% |
| Uso da Tecnologia Assistiva | Não utiliza Tecnologia Assistiva na prática atual, mas já utilizou antes | T1 | 1 |  20% |
| Não utiliza Tecnologia Assistiva | T3, T4 | 2 | 40% |
| Não sabe dizer se utiliza  | T2, T5 | 2 | 40% |
| População com quem utiliza Tecnologia Assistiva | Deficientes físicos | T1 | 1 | 20% |
| Não soube responder/não usam | T2, T3, T4, T5 | 4 | 80% |
| Referencial teórico | Conhece, mas não utiliza referenciais teóricos | T1 | 1 |  20% |
| Não conhece nenhum referencial teórico | T2, T3, T4, T5 | 4 | 80% |
| O serviço e a Tecnologia Assistiva | No serviço existe Tecnologia Assistiva | T4, T5 | 2 | 40% |
| Não sabe dizer se existe ou não | T1, T2, T3 | 3 | 60% |
| Incentivos/Recomendações da instituição a respeito de Tecnologia Assistiva | Não existem incentivos e/ou recomendações | T1, T2, T4, T5 | 4 | 80% |
| Não soube responder | T3 | 1 | 20% |

Na definição proposta pelo Comitê Brasileiro de Tecnologia Assistiva, são considerados como Tecnologia Assistiva tanto os recursos e equipamentos quanto os serviços, destacando-se como objetivo principal a funcionalidade, autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida.

De acordo com a análise das entrevistas realizadas, pode-se observar que, com relação aos técnicos do serviço, 60% definiram Tecnologia Assistiva como recursos/dispositivos/equipamentos e 40% não souberam conceituá-la.

Dessa forma, destacam-se as respostas dos participantes T3 e T4 com relação à definição acerca de Tecnologia Assistiva, compreendo-a como recursos e equipamentos, mas não apenas isso, as respostas trazem ainda a questão do público-alvo dessa tecnologia, que seriam as pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais, bem como o objetivo desses recursos, que segundo T4 seria o de melhorar a funcionalidade.

[...] Eu imagino, recursos tecnológicos que vêm facilitar principalmente a comunicação de pessoas que têm alguma necessidade especial ou uma dificuldade [...] (Participante T3).

Eu entendo, Tecnologia Assistiva como todo aquele recurso, equipamento que é usado para melhorar a funcionalidade (Participante T4).

Podemos observar nas respostas dos participantes T1 e T2 que, apesar destes não saberem com exatidão a definição de Tecnologia Assistiva, os mesmos referem-se a ela como algo que possa auxiliar no tratamento, como se observa na fala bastante ampla de T1, ou auxiliar pessoas com limitações ou sequelas de determinados eventos, como diz T2.

Eu acho que é tudo aquilo que auxilia no tratamento... que o profissional faz uso para auxiliar o tratamento na reabilitação do paciente (Participante T1).

Eu imagino que seja alguma coisa, alguma tecnologia pra auxiliar as pessoas que estão com alguma limitação ou uma sequela de algum evento […] (Participante T2).

As definições fornecidas pelos participantes não contemplaram estratégias e serviços correlatos à conceituação de Tecnologia Assistiva.

Os Tipos de recursos e equipamentos emergiram como uma segunda categoria a partir das respostas dos participantes quando lhes eram solicitados que exemplificassem o que consideravam Tecnologia Assistiva. Assim, T1, T3, T4 dizem que as órteses são recursos de Tecnologia Assistiva, T1, T2 referem-se aos recursos para mobilidade, T2, T3 referem-se à comunicação alternativa, T4 refere-se às adaptações e T1 dá outros tipos de exemplos e 20% dos participantes desse grupo não souberam responder a questão.

A seguir encontram-se os exemplos dados por alguns dos participantes:

[...] Desde uma órtese ou um recurso externo, um recurso da comunidade, um grupo [...] um brinquedo (Participante T1).

Comunicação alternativa [...] cadeira de rodas (Participante T2).

Na análise dos relatos não se identificou menções a recursos como próteses e equipamentos utilizados para disfunções sensoriais.

Ainda, pode-se observar que os participantes não exemplificam os recursos de Tecnologia Assistiva como grandes categorias, como recursos para mobilidade ou adaptações, mas sim como tipos de recursos/materiais/equipamentos que estão inseridos dentro dessas grandes categorias, exemplificando-os.

Em relação ao uso dos recursos de Tecnologia Assistiva em suas práticas, os resultados obtidos indicam que nenhum dos participantes utiliza atualmente em suas práticas recursos de Tecnologia Assistiva. Os participantes T3 e T4 não utilizam os recursos em suas práticas; T2 e T5 não souberam definir se utilizam ou não esses recursos; e T1 referiu não utilizar atualmente, mas sabe identificar demandas para o uso da mesma e realizar encaminhamentos para profissionais que possam orientar sua aplicação.

Nas falas dos participantes T5 e T2 fica clara a incompreensão do que é Tecnologia Assistiva e a implicação desse desconhecimento em suas práticas profissionais.

[...] Eu uso alguns recursos um pouco diferentes do que a fisioterapia costuma usar normalmente, mas eu não sei te dizer se é Tecnologia Assistiva (Participante T5).

Não conscientemente assim, claramente que é [...] eu não sei se eu uso, se poderia usar mais [....](Participante T2).

Consequentemente, referente à população com quem fazem uso da Tecnologia Assistiva, apenas um dos participantes (T1) referiu ter utilizado esse tipo de recurso com pessoas com deficiência física, enquanto que os outros participantes não souberam responder sobre as possibilidades de utilização desses recursos.

Neste trabalho que eu exerço hoje, não. Mas já fiz uso, já fiz quando eu trabalhei na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) [...] para poder trabalhar as crianças com perda de coordenação (Participante T1).

Na categoria referente ao conhecimento dos entrevistados, a respeito de referenciais teóricos e o processo de implementação de Tecnologia Assistiva, 100% dos entrevistados não conheciam nenhum referencial teórico específico sobre o tema.

Podemos observar nas falas de T1 reflexões sobre os referenciais teóricos, no sentido do autoquestionamento acerca de que se o que ela utilizava como referencial teórico no seu início de atuação profissional poderia ser considerado um referencial teórico para Tecnologia Assistiva. T4 reconhece a falta de aproximação com a área e a fala da participante T5 retoma a questão do termo Tecnologia Assistiva ser muito recente.

[...] Por exemplo, o exame, na minha época chamava exame motor [...] (Participante T1).

Na verdade, eu acho que a gente não usa por falta de conhecimento mesmo (Participante T4).

Com esse nome não. Eu não sei se a gente usava a coisa e não usava essa terminologia ou se isso nem existia, mas com essa terminologia eu não tive (Participante T5).

Com relação à presença de Tecnologia Assistiva no serviço/instituição, dois participantes disseram que há recursos de Tecnologia Assistiva enquanto que o restante não soube informar sobre a existência da mesma.

Eu sei que existe, porque já começaram a assumir que tem, mas eu nunca me aproximei deles porque eu não sei o que é [...] eu sei que existe recurso na instituição (nome do serviço excluído), o recurso está disponível, e sendo pouco utilizado (Participante T5).

Que eu sei aqui da instituição [nome do serviço excluído], é o pessoal da terapia ocupacional (Participante T4).

Levantou-se durante as entrevistas que alguns participantes identificam o uso e a presença de Tecnologia Assistiva associados à figura do terapeuta ocupacional.

Como última categoria de dados obtidos na análise, quanto ao recebimento de incentivos e/ou recomendações com relação ao uso de recursos de Tecnologia Assistiva pela instituição, três participantes disseram que não recebem nenhum tipo de incentivo ou recomendação quanto ao uso de Tecnologia Assistiva e o restante não souberam responder sobre isso.

Não, não recebo. Eu sei que foi criado um espaço nesse tipo de recurso que ele é bastante subutilizado; então, em nossas discussões, a nível de administração, um dos comentários que existe é que a gente precisa incentivar o uso disso (Participante T5).

Com relação ao recebimento de incentivos e/ou recomendações com relação ao uso de Tecnologia Assistiva pela instituição, 80% dos técnicos disseram que não recebem nenhum tipo de incentivo ou recomendação quanto ao uso de Tecnologia Assistiva e o restante não soube responder.

**4 DISCUSSÃO**

Um dos fatores críticos referentes à temática da Tecnologia Assistiva está relacionado ao desconhecimento técnico que ainda existe entre os profissionais de reabilitação e a falta de treinamento específico, para que esses profissionais se tornem provedores de Tecnologia Assistiva junto aos seus pacientes.

A média de tempo de atuação dos técnicos foi de 15,4 anos, sendo que o menor tempo foi de dez anos e o maior de 23 anos. Todos os entrevistados tinham pós-graduação lato-senso, e um stricto senso, porém não direcionados à área de Tecnologia Assistiva. Apesar da média de atuação desses profissionais ser elevada, e de todos terem pós-graduação, esses aspectos não se relacionaram a possibilidade de maior conhecimento com relação à Tecnologia Assistiva, pois 40% dos profissionais não souberam definir Tecnologia Assistiva e todos afirmaram não fazer uso da mesma em suas práticas.

Os resultados obtidos nessa pesquisa retratam que os profissionais técnicos atuantes desconhecem o significado mais amplo do conceito de Tecnologia Assistiva e também os recursos, equipamentos e serviços dos quais essa área do conhecimento é composta, o que é um indicativo de que a presença da Tecnologia Assistiva na prática desses profissionais é ainda muito pequena e restrita a concepções muito segmentadas do conceito mais amplo do termo definido em Políticas atuais.

Esses dados podem ser comparados aos obtidos por Laranjeira (2005)3, relacionado à subutilização de órteses e demais equipamentos auxiliares de locomoção por usuários do SUS. O estudo de Caro et al. (2014)15 também indica a responsabilidade da atuação da equipe de profissionais do serviço para a garantia de prescrição e acompanhamento dos recursos de Tecnologia Assistiva.

Os dados ainda indicaram um desconhecimento pela maioria dos técnicos participantes dessa pesquisa quanto a subsídios teóricos sobre o processo de prescrição e acompanhamentos necessários. Os resultados encontrados aqui demonstram que os técnicos entrevistados não conhecem ou não sabem identificar modelos teóricos de implementação dos recursos de Tecnologia Assistiva, resultado bastante coerente com os dados obtidos em outra investigação realizada no estado de São Paulo9, onde dos 14 participantes entrevistados, apenas dois referiram seguir algum modelo teórico para implementação de Tecnologia Assistiva. O estudo identificou ainda que dentre estes, 12 referiram o uso de instrumentos ou recursos de medida como forma de avaliação da necessidade de indicação de recursos de Tecnologia Assistiva, algo que nesta pesquisa não foi mencionado por nenhum dos participantes técnicos.

Apenas T1 afirmou conhecer referenciais teóricos, apesar de não os utilizar em sua prática atual, uma vez que não atua diretamente com esses equipamentos.

Pode-se observar que os profissionais da área da saúde parecem ainda desconhecer muitos dos recursos, equipamentos e serviços de Tecnologia Assistiva que não estejam relacionados especificamente a sua área de atuação. Isso porque, ao desconhecerem a definição/conceituação do que é a Tecnologia Assistiva, consequentemente não sabem exemplificar o que faz parte da mesma e dizer ao certo se a utilizam. Assim, o uso dos recursos de Tecnologia Assistiva no Brasil é prejudicado, principalmente devido ao desconhecimento desses recursos por parte dos técnicos e dos usuários e também pelo desconhecimento técnico por parte dos profissionais atuantes na área de reabilitação18.

Chama a atenção que profissionais que atuam tão próximos ao público alvo da Tecnologia Assistiva (dos cinco profissionais entrevistados, três atuam em linhas de cuidado diretamente relacionadas, a saber: adulto e idoso, neurologia e geriatria e gerontologia) desconheçam-na até mesmo para encaminhamentos adequados, pois dessa forma, estão limitando-se e muitas vezes limitando seus pacientes, deixando de ofertar-lhes algo que poderia lhes proporcionar autonomia e independência, e melhorar sua qualidade de vida, que são uma das prioridades em saúde atualmente.

Porém, durante as entrevistas, um dado interessante foi à menção de que Tecnologia Assistiva é algo inerente à prática do terapeuta ocupacional. Tal fato pode estar relacionado ao histórico que a profissão tem com atuação em disfunção física, e mais especificamente às adaptações que são realizadas por esses profissionais a partir da análise das atividades, dos componentes de desempenho e das limitações e desejos dos pacientes, sendo muitas dessas adaptações descritas e orientadas em materiais instrucionais de terapia ocupacional. No campo da Terapia Ocupacional, a utilização de adaptações para promover maior independência de pessoas com disfunções físicas e sensoriais não é recente, e isso parece indicar o reconhecimento dessa área de atuação aos participantes do estudo. De uma maneira específica, os terapeutas ocupacionais têm importante papel na avaliação da necessidade de Tecnologia Assistiva, na recomendação desses recursos e no treinamento das pessoas com relação ao seu uso12.A especificidade do trabalho do terapeuta ocupacional com a Tecnologia Assistiva está relacionada à funcionalidade, em que sua utilização possibilita a estimulação da função e viabiliza a realização de atividades funcionais de maneira independente19.

Assim, a atuação do terapeuta ocupacional consiste em avaliar, planejar e apresentar resultados que compatibilizem com as necessidades da demanda, com as suas habilidades e condições de desempenho, à concepção e planejamento do produto. Trata-se da aplicação de recursos que vão atribuir competência para as realizações, promovendo desempenho e funcionalidade para os usuários e condições de participação social, com qualidade de vida20, 21. As informações que os terapeutas ocupacionais possuem sobre Tecnologia Assistiva aliadas ao seu conhecimento sobre funcionalidade, habilidades residuais e desempenho ocupacional permitem contribuições importantes com relação ao processo de implementação dos recursos de Tecnologia Assistiva22.

Relatos de outras pesquisas afirmam que nenhum profissional envolvido numa equipe que trabalhe com Tecnologia Assistiva possui formação “perfeita” ou suficiente que o possibilite compreender todo o processo necessário para a implementação de um recurso de Tecnologia Assistiva, ressaltando o caráter interdisciplinar da área13, 23.

Por fim, compete informar que os incentivos ao uso de Tecnologia Assistiva no Serviço Escola investigado foram praticamente inexistentes. Os profissionais atuantes na instituição referiram não saber ao certo da existência desses recursos na instituição e não receberem nenhum tipo de incentivo ou recomendação para o uso dos equipamentos ou na constituição de um serviço de Tecnologia Assistiva.

Ressalta-se que a responsabilidade com relação à Tecnologia Assistiva também diz respeito ao serviço/instituição no âmbito financeiro, para destinação de recursos necessários para compra e manutenção de equipamentos e de materiais utilizados como recursos de Tecnologia Assistiva ou destinados à construção destes. Também é preciso que a gestão se atente quanto à formação dos profissionais que trabalham no serviço e o conhecimento dos mesmos a respeito dessa área, de forma a auxiliá-los a adquirir conhecimento e prática necessários para compreensão do conceito e do processo de implementação da Tecnologia Assistiva.

Ainda, cabe indicar a necessidade de discussão acerca da formação inicial dos profissionais atuantes com a população alvo da Tecnologia Assistiva quanto à temática, no sentido de o quanto realmente os cursos direcionam-se para habilitá-los para essa prática.

**5 CONCLUSÕES**

Esta pesquisa trouxe dados relevantes a respeito da lacuna no conhecimento de técnicos atuantes num serviço de saúde com relação ao conceito de Tecnologia Assistiva, sua aplicação prática e processo de implementação, além de dados sobre a relação dessa área de conhecimento com o serviço onde ocorreu a pesquisa.

Os achados reafirmam a necessidade de que esta área do conhecimento seja mais difundida como um caminho para a ampliação do acesso à população com deficiência ou demandas funcionais a recursos e equipamentos que possam favorecer sua participação na realização de atividades cotidianas, como garantido em políticas atuais. A defesa que se coloca é na necessidade de que as instituições atuantes com essa parcela da população possam se organizar no sentido de importantes equipamentos promotores de práticas na área, direcionando ações e tensionamentos junto aos demais órgãos responsáveis pela dispensação dos recursos, além do empoderamento das famílias e usuários sobre esse direito.

Por fim, ressalta-se ainda a importância da realização de novas e mais abrangentes pesquisas relacionadas às concepções que os profissionais da saúde têm a respeito de Tecnologia Assistiva bem como sobre a presença dos recursos em outros serviços de saúde. Também há que se pesquisar a respeito dos atuais currículos universitários e da inserção da temática nos cursos de graduação e pós-graduação na área da reabilitação, além da qualidade do ensino relativo à Tecnologia Assistiva.

**Referências**

1. Rocha, EF; Castiglioni, MC. **Reflexões sobre recursos tecnológicos: ajudas técnicas, tecnologia assistiva, tecnologia de assistência e tecnologia de apoio.** Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo. 2005; 16(3): 97-104.

2. World Health Organization - WHO. **Relatório mundial sobre a deficiência***.* São Paulo: SEDPcD; 2012.

3. Laranjeira, FO. **Perfil de utilização de órteses e meios auxiliares de locomoção no âmbito do Sistema Único de Saúde [**Dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2005.

4. Brasil. **Ata da III Reunião do Comitê de Ajudas Técnicas*.*** Brasília, DF: Comitê de Ajudas Técnicas; 2007. Disponível em: http://portal.mj.gov.br/corde/comite.asp. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016.

5. Bersch, R. **Tecnologia assistiva ou tecnologia de reabilitação**? In: Anais do 1. Simpósio internacional de tecnologia assistiva; 2014jun 03-05; Campinas, Brasil. Campinas: Centro Nacional de Referência em Tecnologia Assistiva-CTI Renato Archer; 2014, p. 45-50.

6. Galvão Filho, TAA. **Tecnologia Assistiva: de que se trata?** In: Machado, GJC; Sobral, MN, organizadores. Conexões: educação, comunicação, inclusão e interculturalidade. Porto Alegre. Redes Editora; 2009, p. 207-235.

7. Scherer, MJ. **Living in the state of stuck: how assistive technology impacts the lives of people with disabilities**. Manchester. Brookline Books; 2005.

8. Cook, AM; Hussey, SM. **Assistives technologies: principals and practice**. St. Louis. Mosby; 2002.

9. Alves, ACJ; Emmel, MLG; Matsukura, TS. **Formação e prática do terapeuta ocupacional que utiliza tecnologia assistiva como recurso terapêutico.** Rev. Ter. Ocup. São Paulo. 2012; 23(1): 24-33.

10. Varela, RCB; Oliver, FC. **A utilização de tecnologia assistiva na vida cotidiana de crianças com deficiência.** Ciênc. saúde coletiva. 2013;18(6): 1773-1784.

11. Cruz, DMC; Emmel, MLG. **Associação entre papéis ocupacionais, independência, tecnologia assistiva e poder aquisitivo em sujeitos com deficiência física.** Rev. latinoam. enferm.2013;21(2): 484-491.

12. Pelosi, MB. **O papel do terapeuta ocupacional na tecnologia assistiva**. Cad Ter. Ocup. UFSCar. 2005; 13(1): 39-45.

13. Pelosi, MB; Nunes, LR. **Formação em serviço de profissionais da saúde na área de tecnologia assistiva: o papel do terapeuta ocupacional**. Rev. bras. crescimento desenvolv hum. 2009; 19(3): 435-444.

14. Alves, ACJ. **Tecnologia Assistiva: identificação de modelos e proposição de um método de implementação de recursos.**[Tese].São Carlos:Universidade Federal de São Carlos; 2013.

15. Caro, CC; Faria, PSP; Bombarda, TB; Palhares, MS. **Dispensação de órteses, próteses e meios auxiliares de locomoção (OPM) no Departamento Regional de Saúde da 3ª Região do Estado de São Paulo.** Cad Ter. Ocup. UFSCar. 2014. 22(3): 521-529.

16. Brasil. **Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012.** Brasília, DF: Conselho Nacional de Saúde; 2012. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf. Acesso em: 19 de fevereiro de 2016

17. Bardin L. **Análise de conteúdo***.* São Paulo: Edições 70; 1977.

18. Mello, MAF. **A Tecnologia Assistiva no Brasil**. In: Anais do 1. Fórum de tecnologia assistiva e inclusão social da pessoa deficiente; 2006 mar 30a abr 01; Belém, Brasil. Belém: Universidade Estadual do Pará; 2006. p. 05-10.

19. Shuster, NE. **Addressing assistive technology needs in special education.** Am. j. occup.ther*.* 1993; 47(11): 993-997.

20. Marins, SCF; Emmel, MLG. **Formação do terapeuta ocupacional: acessibilidade e tecnologias.** Cad. Ter Ocup. UFSCar. 2011; 19(1): 37-52.

21. Ribeiro, MA. **Design Universal.** In: Cavalcanti A; Galvão C, organizadores. Terapia Ocupacional: fundamentação e prática. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan; 2007, p. 417-419.

22. Souza, ACA; Cruz, DMC; Alves, ACJ; Agostini, R. **Tecnología Asistida en Brasil: reflexiones.** Revista TOG. 2010; 7(12): 1-12.

23. Bersch, RCR. **Design de um serviço de tecnologia assistiva em escolas públicas.** [Dissertação] Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2009.

1. O público-alvo da Tecnologia Assistiva é constituído por **pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida.**  [↑](#footnote-ref-1)